

NINA RODRIGUES E A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NA BAHIA

Lamartine Lima

Professor Honorário da Faculdade de Medicina da Bahia/UFBA, Presidente Emérito do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, Presidente da Academia de Letras e Artes do Salvador e ex-secretário-geral do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Salvador, BA, Brasil

Pretendo fazer uma sumária abordagem, através do ponto de vista da História da Medicina, da Epistemologia e da Tecnociência, sobre a relação de Nina Rodrigues com a História da Psiquiatria no Brasil e na Bahia, e a influência dos seus trabalhos sobre os estudos de Arthur Ramos.

O historiador de ciências médicas, como todos os estudiosos espontâneos, há de fazer a escolha do objeto de suas análises conforme a sua preferência íntima, ditada por interesses psicológicos profundos que sempre têm determinada sua explicação na teoria do conhecimento.

A Epistemologia, com o seu conceito de que é a reunião e metodização de relações, vínculos, resultados e aplicações de um conjunto de conhecimentos de natureza lógica, histórica, sociológica, matemática, técnica ou lingüística, tem como objetivo formar a teoria do pleno saber científico, e conduz a uma explicação da preferência, sem entrar em um labirinto de espelhos.

A Tecnociência, neologismo criado pelo sociólogo, filósofo e etnólogo construtivista francês contemporâneo Bruno Latour, no ano de 1987, tem justamente a definição que se acopla no conceito precedente, por significar a interdisciplinaridade e mútuos condicionamentos de todos os conteúdos científicos de Filosofia, História, Antropologia, Sociologia e Literatura.

A Epistemologia e a Tecnociência conduzem aos sistemas de intercomunicação que podem determinar as denominadas redes de apoio.

Redes de apoio são infra-estruturas dinâmicas, construídas por linhas de relacionamentos pessoais, sociais, políticos, econômicos, culturais, científicos e tecnológicos, cujas inter-relações constituem nós de concentração de força e poder, onde acontecem trocas daquilo que o sociólogo francês contemporâneo, falecido há cinco anos, Pierre Bourdieu, denominou de capital simbólico no campo de produção cultural, capaz de legitimar, sustentar, preservar, proteger, promover e dar visibilidade à produção intelectual, e irradiá-la em teias de expansão.

Temos a considerar que, no fim do século XIX, o Mundo Cultural Ocidental estava sob a influência da Europa, através da Escola Positivista, desenvolvida na década de 1840, pelo filósofo francês Augusto Conte.

Na América do Sul, mesmo depois da descolonização política, a sociedade, de raízes culturais ibéricas, repousava

ainda sobre um escravismo colonial, estava acostumada ao elitismo eurocêntrico, ao dualismo metrópole x colônia, isto é, centro e periferia, era científica e tecnologicamente dependente do estrangeiro, para transferência do conhecimento, capacitação e habilitação, não possuía ambiente intelectual por deficiência de herança na percepção e compreensão do mundo, considerada, por muitos intérpretes, melhor no pensamento hispânico e pior no pensar lusitano.

Havia a necessidade da construção de uma nova sociedade latino-americana que mostrasse, através do desenvolvimento cultural, científico e tecnológico, uma autêntica identidade nacional em cada país saído da condição de colônia, que deveria ombrear-se aos parâmetros dos países colonizadores.

A Ciência Positiva exigia a individualidade, e tanto quanto a atual, que tem visão eclética, a razão, o rigor, a disciplina, a técnica, a investigação dos fatos e a produção de um saber, que, se acolhido em rede de apoio, seria transformado em capital simbólico cultural, poderia ter o reconhecimento externo de um centro científico dito civilizado, como as grandes capitais européias, e de referenciais científicos periféricos, dos quais receberia a legitimação, participaria da contemporaneidade e ocuparia o seu lugar no mundo da cultura, da ciência e da técnica.

O ser reconhecido, enquanto em vida, na sua área intelectual era – como ainda hoje é – o enriquecimento do próprio capital simbólico no campo de produção cultural, a suprema aspiração do trabalhador acadêmico.

Naquela conjuntura, no Brasil, na Bahia, na Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, um docente de Clínica Médica, Patologia Geral e, depois, Medicina Legal, pensador e pesquisador de Neuropsiquiatria, Etnologia e Antropologia, o maranhense radicado em Salvador, professor Raymundo Nina Rodrigues, casado no seio de uma das mais importantes famílias soteropolitanas – genro do catedrático de Clínica Médica e último presidente da Província da Bahia, professor Almeida Couto, e concunhado do professor-assistente Alfredo Brito – buscava, através da produção de conhecimento e de sua rede de apoio, o seu lugar no mundo científico.

Ainda estudando na faculdade, ele começou a exercitar um método de trabalho seguindo os pesquisadores da Escola

Conferência apresentada em 22/02/2008 na **JORNADA SOBRE A HISTÓRIA DA PSIQUIATRIA NA BAHIA**, organizada pela Profa. Vitória Eugênia Ottoni Carvalho, Chefe do Departamento de Neurociências e Saúde Mental da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) - UFBA, como parte das comemorações do bicentenário da FMB-UFBA.

Endereço para correspondência: Prof. Lamartine de Andrade Lima. Rua Edith Mendes da Gama e Abreu, 175 / 701 - Itaigara, Salvador, Bahia 41815-010. C-elo: lamartine.lima@terra.com.br.

Tropicalista – criada na Bahia por médicos europeus, não professores, os doutores Silva Lima, Otto Wücherer e John Paterson –, na qual encontrou as moléstias ditas tropicais, chamadas no estrangeiro de exóticas.

Foi o seu caminho para a futura prática profissional, a pesquisa e o ensino de Clínica Médica, na qual teve grande clientela de africano-americanos, chamados afro-brasileiros e afro-baianos, como ainda hoje, maioria na população e na pobreza da Bahia.

Naquelas pessoas encontrou costumes, usos e diversos aspectos culturais exóticos, diferentes daqueles advindos da transculturação portuguesa tradicional, e ainda não analisado por estudiosos.

É interessante notar que Nina Rodrigues já conhecia exteriorizações culturais dos africanos, pois na fazenda “Primavera”, em Vargem Grande, no Maranhão, onde nascera, no ano de 1862, seu pai era senhor de mais de seis dezenas de negros escravos, dos quais observara o comportamento, e ele próprio fora batizado pela madrinha Mulata, quem lhe contara histórias sobre aqueles cativos que vieram trazidos a força da África.

Ele ainda estudante do curso preparatório, em 1877, na Cidade de São Luís, assistira, com grande curiosidade, exibição de agitação psicomotora coletiva – a dança de São Guido – acontecida entre a população afro-descendente pobre, tratada pelo doutor Alfonse Saulnier de Pierrelevé, médico francês na capital do Maranhão, com quem se corresponderia, quando, mais tarde, já docente, observaria um surto córeo-atetósico grupal nos habitantes pobres e mestiços de Itapagipe, na capital na Bahia.

Em Salvador, através de seus pacientes afro-baianos, foi atraído por uma espécie de Medicina Alternativa, de fundo religioso – como fora a Medicina Grega da Antiguidade – na qual eram também usados, de várias formas, vegetais e benzeduras.

Assim, chegou ao chamado “povo de santo” e aos terreiros dos candomblés religiosamente respeitados pela população negra da Bahia, pôde documentar e logo estudar, entre outras observações, as sobrevivências de cultos antigos, entre elas as denominadas danças de possessão, que são as manifestações psíquico-físicas, nos crenes, de deuses regionais africanos, ditos orixás, os quais correspondem à divinização de uma Corte da África.

Nina Rodrigues, no primeiro momento dessas suas observações e sob o peso das afirmações de reconhecidos estudiosos europeus de pensamento colonialista, suspeitou que aquelas manifestações corresponderiam a processos mentais que aconteciam em cérebros imperfeitamente desenvolvidos.

Quando já professor e após dez anos de experiência, trabalho e estudo, através da aplicação permanente do método comparativo, evoluiu para um pensamento de antecipação do culturalismo.

Ele, embora havendo sido estudante na Faculdade de Medicina da Bahia, tinha feito mais da metade de seu curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, por onde se diplomara, e nesta última fora monitor do professor Souza

Lima, catedrático e tratadista de Medicina Legal, que tinha como um dos pontos do ensino a Psicopatologia Forense. O acadêmico, então, interessara-se para conhecer as doenças nervosas e mentais, território científico da Neuropsiquiatria. E na Corte havia a possibilidade da observação clínica direta no grande Asilo “D. Pedro II”.

Em Salvador, os estudos na área psíquica chegaram tarde, mesmo que as antigas celas de loucos tenham existido, desde o final do século XVI, nos porões do Hospital de São Cristóvão, criado pelo provedor Cristóvão de Barros, sobre a falésia, nos fundos da Casa da Santa Misericórdia, que recebia, sem arrefecimento, o pleno e escaldante sol do lado do mar.

Depois, em fins do século XVIII, no Hospital Real Militar, seguido pelo Hospital de Caridade da Bahia, em 1833, os dementes ficavam nas antigas galerias jesuíticas no subsolo deste prédio do Terreiro de Jesus.

Mesmo no Rio de Janeiro, trinta anos depois da chegada da Corte Real, por falta de manicômio, o médico do Imperador, doutor Xavier Sigaud, escreveu profligando o abusivo livre trânsito de doentes mentais pelas ruas daquela capital.

Logo após, datada de 1837, foi publicada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a primeira tese brasileira sobre tema psiquiátrico, intitulada “Consideração Geral sobre a Alienação Mental”, pelo doutor Antonio Luiz da Silva Peixoto.

Apenas em 1841, no dia da sagração do Imperador D. Pedro II, o Ministro do Império José Clemente Pereira fez com que aquele soberano assinasse o decreto de criação do primeiro hospício para doentes mentais, com o nome do monarca, consolidado dez anos depois, na Capital Imperial.

Naquela época, também a primeira casa de saúde particular no Brasil foi criada, no ano de 1843, pelo médico Antonio José Peixoto, no bairro da Gamboa, no Rio de Janeiro, que a transferiu para a antiga residência do Marquês de Olinda, em Botafogo, com o nome de Casa de Saúde Dr. Peixoto, que oferecia, inclusive, hidroterapia; ela foi comprada, em 1865, pelo pernambucano doutor Manoel Joaquim Fernandes Eiras, que a transformou na Casa de Saúde Dr. Eiras, que existe até hoje.

Somente sete décadas mais tarde, surgiu o primeiro estabelecimento particular para o tratamento de doentes mentais no Nordeste, fundado pelo professor Ulisses Pernambucano de Melo, no Recife.

Um seu seguidor, nascido em União dos Palmares, em Alagoas, professor Luís da Rocha Cerqueira, estabeleceu, nos anos de 1940, o primeiro manicômio privado em Salvador, ao qual se associaria, depois, o carioca professor Nelson Soares Pires, quem se tornaria catedrático de Psiquiatria, que foi sucedido na cadeira por um outro especialista que com eles trabalhou, o amazonense professor Álvaro Rubim de Pinho, da Faculdade de Medicina da Bahia.

Nesta Escola, a partir de 1850, haviam começado a aparecer, timidamente, em teses acadêmicas, estudos sobre hipocondria e alterações do temperamento.

Pouco além de duas décadas mais tarde, em 1874, veio surgir o Asilo de “São João de Deus”, no antigo Solar da Boa Vista de Brotas, que fora residência e depois Casa de Saúde do Professor João José Alves, cirurgião da Escola Parisiense

de Malgaigne e catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, imóvel adquirido com dificuldade pelo Governo da Província, através de gestões de parlamentares também docentes, como o professor Almeida Couto, e o esforço do doutor Barão do Desterro, avô do futuro professor Couto Maia, da Escola Médica do Terreiro de Jesus, sendo parte do pagamento feito com o dinheiro arrecadado para os Voluntários da Pátria que haviam lutado na Guerra do Paraguai. Quase completado um lustro da morte do maior dos psiquiatras brasileiros, o Governo do Estado, em 1936, mudou-lhe a denominação para Hospital “Juliano Moreira”.

Quando foi inaugurado o Asilo “São João de Deus”, já fazia dez anos que no Recife havia o Hospício da Visitação de “Santa Isabel”. Depois de uma dúzia de anos, seria fundado o de Fortaleza; mais cinco anos, o de Maceió; mais um ano, o da Paraíba do Norte; todos com nomes de santos, respectivamente, São Vicente de Paula, Santa Leopoldina e Santa Ana.

Após mais de um quinquênio de funcionamento do Asilo de Brotas, foi criada nesta Faculdade de Medicina da Bahia a cátedra de Psiquiatria, assumida, no ano de 1886, pelo professor Augusto Freire Maia Bittencourt, que escreveu tese sobre paralisia geral.

Convém lembrar que, no Brasil, o surgimento dos frenocômios públicos e particulares, tanto quanto o aparecimento das teses psiquiátricas, na década de 1840, aconteceram quando estavam em pleno desenvolvimento e divulgação os trabalhos de Augusto Conte; e que a ocupação da primeira cadeira de Psiquiatria, na Bahia, aconteceu no mesmo ano do lançamento, na Alemanha, dos trabalhos de Kraepellin sobre a Psiquiatria Organicista.

Emil Kraepellin, autor do famoso *Lehbuch der Psychiatrie*, era tudesco mas professor e diretor da Clínica Psiquiátrica da Universidade de Tarty, na atual Estônia, e desenvolvera sua teoria de que doenças mentais têm como principais componentes alterações encefálicas de ordem genética ou anátomo-patológica, específica ou geral, e propusera uma classificação sindrômica para as psicopatias. Foi o caracterizador de dois tipos principais do que chamou psicose – a maníaco-depressiva, hoje alternância bipolar, e a demência precoce, atual esquizofrenia, esta correspondente a vários subtipos. Tornou-se companheiro de trabalho de seu colega Alois Alzheimer, e co-descobridor de uma doença mental orgânica, que as estatísticas atuais acusam grande crescimento, o Mal de Alzheimer.

Nas duas décadas que se sucederam, na Bahia, apareceram mais de meia centena de trabalhos sobre temas psiquiátricos, todavia sem contribuição original.

Na época em que Nina Rodrigues foi estudante na Corte, fazia três décadas que se instalara na Praia Vermelha, na Capital do Império, o Hospício “Dom Pedro II”, o primeiro hospital para doentes mentais na América Latina, o mesmo que, depois da Proclamação da República, um ano após a sua diplomação, tomaria o nome de Hospital Nacional de Alienados e, pouco mais de uma década mais tarde, seria dirigido, durante 30 anos, pelo primeiro aluno da primeira turma na qual Nina

ensinaria Medicina Legal, o psiquiatra baiano, de formação cultural germânica, Juliano Moreira.

Naquele hospício, embora inicialmente sob a influência científica dos tratadistas franceses, italianos e ingleses, passou-se a discutir Kraepellin.

E, desde a tese psiquiátrica organicista, fazia uma década que um judeu italiano, antigo médico militar, professor de Clínica Psiquiátrica da Universidade de Pavia, e catedrático de Medicina Legal da Universidade de Turim, o doutor Césare Marco Ezechia Levi Lombroso, havia escrito o célebre *L'Uomo Delinquente*, o tratado fundador da Antropologia Criminal, em que analisou o criminoso orgânico.

No ano de 1891, na Faculdade de Medicina da Bahia, a cátedra de Psiquiatria recebeu uma transformação, tornando-se a cadeira de Psiquiatria e Moléstias Nervosas, e passou a ser ministrada pelo professor João Tillemont Fontes, que escreveu tese sobre arteriosclerose. Esse docente foi pai do Almirante Tancredo Tillemont Fontes, que alcançou perto de cem anos de idade, e avô de quatro doentes mentais que conheci, todos filhos do oficial, que na infância foram pacientes do professor Juliano Moreira, e, com mais de meio século de vida, dois deles foram meus pacientes em Urologia, isso faz trinta anos. Entrevistei, seguidas vezes, o Almirante Tillemont, sobre o pai dele, que falecera em 1907 e fora substituído temporariamente pelo professor José Júlio Calasans, que faleceria em 1911.

Soube que, por influência do professor Pinto de Carvalho, quem fizera um trabalho sobre a cátedra de Psiquiatria e os manicômios de Salvador, em colaboração com o professor Nina Rodrigues, a cátedra de Psiquiatria e Moléstias Nervosas, no ano de 1914, fora dividida em duas outras, a de Psiquiatria e a de Neurologia.

A cadeira de Psiquiatria foi preenchida, através concurso, pelo professor Mário Carvalho da Silva Leal, de orientação organicista.

Ainda no ano de 1891, Nina Rodrigues teve a oportunidade de suceder na cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, ao professor Virgílio Damásio – que fora eleito primeiro governador republicano do, então, novo Estado da Bahia e, logo depois, Senador Federal.

Nina pôde, enfim, começar a realizar o objeto de todas as suas pulsões, através da produção de um conhecimento transformado em capital cultural no seu campo de trabalho, ser acolhido em rede de apoio, receber o reconhecimento externo de centros científicos ditos civilizados, e inserir-se no lugar devido no mundo científico de seu tempo.

Assim, naquela quadra, juntaram-se, para Nina Rodrigues, sob o pátio da Ciência Positiva, a curiosidade científica sobre os córeo-atetósicos de São Luís e Itapagipe, a dança de possessão nos candomblés da Bahia, a Psiquiatria Organicista Germânica e a Antropologia Criminal Italiana.

A construção do produto do seu conhecimento no campo da psique, deu-se desde que trabalhou com doentes neurológicos e escreveu a tese inicial, datada de 1888, sobre *As Amiotrofias de Origem Periférica*, a qual foi seguida, em 1890,

pela publicação de *Miopatia Trófica Progresiva* e, também, de *Abasia Coreiforme Epidêmica no Norte do Brasil*, que envolveria a Neuropsiquiatria, logo a Clínica Psiquiátrica com a Clínica Neurológica.

Os seus estudos subseqüentes contemplaram a Psicologia Mórbida e a Psicopatologia Forense, e seriam seguidos pelos de Demopsicologia e Psiquiatria Social, que conduziram, mais tarde, à Etnopsiquiatria, a qual alcançaria, no futuro, a Psiquiatria Transcultural.

O ano de 1890 também foi o da sua primeira produção em Antropologia, intitulada *Os Mestiços Brasileiros*.

No seu primeiro ano de exercício da cátedra, Nina Rodrigues conheceu aquele estudante mestiço e culto, vindo de família humilde, mas bem vestido, versado em alemão, brilhante em seus conhecimentos neuropsiquiátricos, e protegido do professor Adriano Gordilho, Barão de Itapoan. Chamava-se Juliano Moreira, era adepto de Kraepelin, trabalhava também com anatomia médico-cirúrgica e sifilografia. Com ele, passou a discutir casos de doenças mentais e do sistema nervoso, todavia não se manteve exclusivamente organicista, até por motivo de suas observações sobre os afro-baianos.

No ano seguinte, ao estudar os registros para a publicação de *Organização do Serviço Sanitário na República do Brasil*, e *Organização do Serviço Demográfico Sanitário no Estado da Bahia*, Nina observou a situação terrível do manicômio da capital baiana.

Naquela ocasião, ele pugnava pela legitimação da especialidade de Medicina Legal, através de legislação específica para a formação do especialista e sua exclusividade no procedimento da perícia médica, e escreveu *O Exercício da Medicina Pública*.

No ano de 1895, Nina Rodrigues prestava concurso para sua efetivação como catedrático de Medicina Legal, e procedia Juliano Moreira as suas provas para professor assistente de Psiquiatria, na Faculdade de Medicina da Bahia.

No seguinte, Nina, juntamente com o seu ex-aluno, agora professor, Juliano Moreira, mais o doutor Carlos Chenuud, publicaram *O Serviço Médico Judiciário no Estado da Bahia*.

Em 1897, Nina editou o estudo psiquiátrico sobre um parricida carioca, que intitulou *O Caso Médico-Legal Custódio Serrão*, e, no mesmo ano, quando foi deflagrada a guerra civil nos sertões baianos do rio Vasa Barris, escreveu *A Loucura Epidêmica de Canudos – Antônio Conselheiro e os Jagunços*.

Mais um ano, publicou em francês *Des Conditions Psychologiques du Depeçage Criminel*, que apareceria em português com o título de *A Psicologia da Mutilação Cadavérica – O Esquartejamento Criminoso*, sobre um esposteamento ocorrido, em 1894, no bairro do Uruguai, na Cidade do Salvador.

Em 1899, escreveu, com o viés etnopsiquiátrico, *O Regicida Marcelino Bispo*, e logo *Métissage, Degenerescence et Crime*.

No último ano do século XIX, 1900, escreveu *Zoologia Fetichista dos Áfrico-Baianos*.

No primeiro ano do século XX, 1901, publicou *A Loucura das Multidões – Nova Contribuição ao Estudo das*

Loucuras Epidêmicas no Brasil, que também saiu em francês com o título de *La Folie des Foules – Epidémie de Folie Religieuse – Nouvelle Contribution à l'Etude des Folies Epidémiques au Brésil*, seguida de *O Alienado no Direito Civil Brasileiro*, trabalho que deu substrato médico para a redação do código pelo grande jurista Clóvis Bevilacqua.

No ano seguinte, escreveu *La Paranoïa chez les Negres – Atavisme Psychique et Paranoïa*.

Mais um ano, publicou *A Assistência Médico-Legal aos Alienados no Estado da Bahia*, e também *Um Caso de Loucura Lúcida – As Providências Legais Reclamadas pelos Alienados deste Gênero no Direito Brasileiro*.

No ano em que faleceu, 1906, havia escrito *A Assistência Médico-Legal aos Alienados nos Estados Brasileiros*, e também, juntamente com os professores Pacífico Pereira e Pinto de Carvalho, publicado *Sobre a Organização do Ensino de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina e do Asilo dos Alienados do Estado da Bahia*.

Assim, pelo menos duas dúzias de trabalhos da área de interesse psiquiátrico, escritos por um professor de Medicina Forense de uma faculdade da América Latina, chegaram ao conhecimento dos mestres estrangeiros, numa época, final do século XIX, em que quase nada se produzia no campo científico especializado, nesse Continente.

Nina Rodrigues, primeiro, fez demonstração de competência na discussão de cada caso psiquiátrico, editou seus escritos, compareceu a congressos, conheceu colegas de diferentes lugares, ofertou suas edições, manteve correspondência com professores nacionais e estrangeiros, encetou aproximações e continuou a tecer sua rede de apoio.

Utilizou os fios de comunicação das publicações baianas, como a *Gazeta Médica da Bahia*, a *Revista dos Cursos da Faculdade de Medicina da Bahia*, e a *Revista Médico-Legal*; edições nacionais como *Brasil Médico*, *Revista Brasileira*, e *Revista Médica de São Paulo*; publicações sul-americanas, como *La Semana Médica* e *Archivos de Criminologia, Medicina Legal y Psiquiatria*, de Buenos Aires; edições européias, como a italiana *Archivio di Psichiatria, Scienze Penali e Antropologia Criminale*, de Turim, e as francófonas *Annales de la Société de Médecine Légale de Belgique*, e *Archives d'Anthropologie Criminelle*, de Lyon, e as parisienses *Annales Médico-Psychologiques*, *Annales d'Hygiène Publique et de Médecine Légale* e *Archives Internationales de Médecine Légale*.

Foi, com justiça, apreciado pelos mestres Lombroso, Lacassagne, Dupain, Tarde, Corre, Ingenieros, da Veyga, Alcântara Machado, Bevilacqua e tantos outros.

Veio, então, o reconhecimento do chamado “mundo civilizado”.

Quando ele estava em viagem pela Itália e pela França, entrevistando-se com alguns dos mestres europeus, sofreu agravamento de sério problema de saúde e faleceu em Paris, com apenas 43 anos de idade, em 1906.

Alguns de seus artigos editados foram reunidos em livro póstumo denominado *As Coletividades Anormais*, organizado por Arthur Ramos.

Deixou cerca de 80 trabalhos publicados e sua influência ainda se faz patente nos meios acadêmicos, nas centenas de escritos que se têm sucedido até os dias de hoje.

Interessante que as teses iniciais de seus três primeiros grandes discípulos – Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e Oscar Freire – foram sobre temas neuropsiquiátricos – sífilis, epilepsia e fanatismo – tanto quanto foi aquela do maior de seus seguidores, que não o conheceu pessoalmente – Arthur Ramos – sobre primitivo e loucura.

Tornados seus apóstolos, dos quatro, no Rio de Janeiro, Juliano Moreira fez-se um grande mestre sem cátedra, no Hospício Nacional de Alienados, para onde foi levado, em 1903, pelo político baiano e docente da Faculdade de Direito do Recife, o professor J. J. Seabra; continuou a tecer sua rede de apoio, compareceu a muitos congressos, apresentou dezenas de trabalhos, freqüentou serviços e hospitais, manteve correspondência com renomados professores estrangeiros, particularmente da Alemanha.

Também para o Rio e levado por Seabra, foi Afrânio Peixoto, ainda em 1903, como assistente de Juliano, e ali teceu sua grande e forte rede de apoio, fez amizade, entre outras, com o filho do presidente da República Rodrigues Alves, e com o filho do escritor José de Alencar, o acadêmico Mário de Alencar, que o apresentou ao presidente da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis, a quem Afrânio viria substituir duas décadas mais tarde, e conquistou o título de professor catedrático, através de belo concurso.

Por influência de um importante mestre da Faculdade de Direito das Arcadas de São Francisco, o professor Alcântara Machado, amigo e entusiasta de Nina Rodrigues, para a capital paulista foi convidado Oscar Freire, pelo criador da Faculdade de Medicina de São Paulo, o doutor Arnaldo Vieira de Carvalho, para ali levou o viés pericial da Escola da Bahia, e teceu a sua própria rede de apoio na aristocracia do café.

Afinal, conduzido por Afrânio para o Rio de Janeiro, em 1933, Arthur Ramos fez-se professor e continuou a articulação de sua grande rede de apoio.

Dos apóstolos de Nina, ambos, Afrânio e Arthur, na sua numerosa produção, escreveram importantes livros sobre, respectivamente, *Psicopatologia Forense* e *Psiquiatria e Psicanálise*.

Ultimo e mais moço deles, que nunca viu Nina Rodrigues, diplomado 20 anos depois de sua morte, Arthur Ramos de Araújo Pereira, alagoano reconhecido como baiano, durante o seu curso na Faculdade de Medicina da Bahia, não gostou dos ensinamentos do catedrático de Psiquiatria, professor Mário Leal, que exibia sinais neuróticos enquanto deambulava de sua residência na Barra até o Terreiro de Jesus, comprando em cada esquina um charuto e uma caixa de fósforos, e depois vinha defender teses organicistas no auditório cheio de estudantes com informações sobre os pacientes neuróticos da I Guerra Mundial.

Arthur Ramos, leitor absolutamente pervicaz, metódico e atento, deitado em sua rede nordestina, defronte da Catedral do

Salvador e olhando para a sua Faculdade, encontrou na casa comercial de Dom Paco, seu vizinho e livreiro da Rua do Colégio, a tradução espanhola das obras do médico judeu tchecoslovaco professor na Áustria, de nome Sigmund Freud, aprofundou-se no seu conhecimento, e, como havia aprendido alemão como seu pai, o médico Manuel Ramos, e exercitado o idioma germânico com os franciscanos em Pilar, nas Alagoas, procurou encomendar e ler seus trabalhos originais, que passou a difundir.

Durante o tirocínio acadêmico, fez um grande amigo, o estudante de Direito, Péricles Madureira de Pinho, filho do Chefe de Polícia, Bernardino Madureira de Pinho, e começou a tecer a sua rede de apoio. Havia conquistado, também, toda a simpatia do seu conterrâneo e jovem catedrático de Medicina Legal, o professor Estácio de Lima, diretor do Instituto “Nina Rodrigues”, protetor da “gente dos orixás”, especialmente do candomblé do “pai de santo” Bernardino “Bate Folha”, ainda ferozmente perseguida pela Polícia naqueles anos das décadas de 1920 e 1930. O professor Estácio foi examinador criterioso nas teses de Arthur, para doutoramento e para livre-docência em Psiquiatria, nas quais o examinado saiu-se com brilhantismo.

Logo que graduado, Arthur Ramos foi, por Madureira de Pinho, nomeado médico-legista e passou a trabalhar com Estácio de Lima. Com esse notável e admirável humanista e mestre, convivi 20 anos, e procurei saber dele tudo o que pude sobre Arthur Ramos. Através da influência de Estácio, ele chegou às obras de Nina Rodrigues, pelas quais se encantou, e aos candomblés, que passou a freqüentar em companhia de dois estimados amigos, eruditos, poetas e boêmios, de nome Edison Carneiro e Godofredo Filho.

De suas ligações com os afro-descendentes e seus cultos, Arthur pôde extrair material para estudos sobre o chamado “pensamento mágico primitivo”, e desenvolveu suas análises etnopsiquiátricas, com viés psicanalítico e culturalista.

Aprofundou suas observações, leituras e reflexões, aumentou sua produção escrita, construiu um currículo admirável de mais de mil itens, prosseguiu a tecer sua rede de apoio nacional, com Afrânio Peixoto, Anísio Teixeira e Gilberto Freyre, migrou para no Rio de Janeiro, e ali, com eles, participou da fundação da Universidade do Distrito Federal, e, mais tarde, foi catedrático da Universidade do Brasil.

A sua vasta malha de apoio internacional foi confeccionada através de uma correspondência intensa e permuta de seus livros com mestres europeus e norte-americanos, desde Freud a Melville Herskovits. Visitou, como conferencista e professor convidado vários países das Américas e da Europa.

Foi nomeado e tomou posse como diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, na capital da França.

Como Nina Rodrigues, faleceu precocemente, em Paris, aos 46 anos de idade, em 1949.

Ainda hoje, tal agora, as obras de Nina Rodrigues e Arthur Ramos são estudadas através de muitos tipos de releitura, e continuará oferecendo matéria para as mais diversas revisões.